

Reichmann admite que próximo Governo mude o acordo

BRASÍLIA — O próximo Governo poderá, se necessário, mudar os termos do acordo que a atual administração está negociando com o Fundo Monetário Internacional (FMI) com as metas econômicas para 1985, garantiu o Chefe da Divisão do Atlântico do Fundo, Thomas Reichmann. Ele lembrou que, desde o início do programa de ajuste firmado pelo Brasil com a instituição, em 83, houve diversas alterações, mas espera que o futuro Governo não precise modificar nada:

— A mudança do acordo pode ou não ocorrer. Nós não esperamos que ocorra nem estamos nos preparando para isto. Esperamos, sim, que o Governo mantenha as coisas como estão ocorrendo.

Reichmann deu entrevista ao sair de mais uma reunião de três horas e meia da missão do FMI com os Ministros do Planejamento, Delfim

Netto, da Fazenda, Ernane Galvêas, e o Presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, no Palácio do Planalto. Ele voltou a observar que está negociando com um Governo constituído e que qualquer contato com a futura administração só ocorrerá após a posse, em 15 de março de 85.

O Chefe da missão do FMI assinou que as atuais críticas aos acordos com o FMI também eram feitas em 1982, "com declarações no Congresso e na imprensa de que as coisas deveriam mudar". Lembrou, contudo, que os acordos — mesmo com algumas alterações nas metas — prosseguiram e o País está agora prestes a concluir sua sexta Carta de Intenções ao FMI.

— Vamos fazer exatamente o que fizemos anteriormente, o mesmo processo. Até o momento trabalhamos na fixação de metas globais para o ano de 85 e metas específicas e

nominais para os seis primeiros meses do ano.

Reichmann acrescentou que, no futuro Governo, como no atual, a filosofia do FMI, será promover o crescimento econômico, ressaltando que "o importante é que haja um crescimento sustentado, que possa ser mantido a longo prazo". Mas se recusou a comentar se a negociação da sexta Carta de Intenções tem sido mais difícil que as anteriores.

Ao fazer um balanço dos resultados obtidos pela economia brasileira após os acordos com o FMI, disse que os números oficiais lhe permitem ser otimista:

— Houve excelente desempenho na área externa. Há um desempenho bastante bom em termos de crescimento na área interna, mas temos sérios problemas de inflação e com tudo o que ela significa em termos de política monetária e fiscal.



“ Já era hora de os juros baixarem no mercado internacional ”

ERNANE GALVÊAS, Ministro da Fazenda

O déficit público americano — principal fator de elevação dos juros internacionais — estabilizou-se entre US\$ 170 milhões e Cr\$ 200 bilhões, tornando injustificável a manutenção de taxas três vezes superiores ao índice de inflação nos Estados Unidos, de quatro por cento ao ano. A afirmação foi feita pelo Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, ao comentar a segunda queda da prime rate (taxa preferencial de juros americana) em dois dias.

● Uma delegação chefiada pelo Secretário-Geral do Ministério da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, embarca para o Japão, no próximo fim de semana, para concluir negociações bilaterais sobre a dívida ao Governo brasileiro com o governo e instituições oficiais daquele país. Os entendimentos se referem aos débitos com vencimento de 31 de julho de 83 a 31 de dezembro deste ano, já incluídos no acordo firmado com o Clube de Paris no ano passado.